

Correio dos Açores . 9R.31.8.94.

LURDES PINTASILGO E A CONFERÊNCIA DO CAIRO **ONU PRECISA DE REFORMA**



O Palácio de vidro, em Nova Iorque, sede da ONU

A solução para as questões em causa na conferência do Cairo sobre população e desenvolvimento passa por uma "reorganização total" da ONU, defendeu a ex-primeira-ministra portuguesa Maria de Lurdes Pintasilgo.

A afirmação foi feita por Lurdes Pintasilgo, presidente da Comissão Internacional de População e Qualidade de Vida, em entrevista publicada na última edição da revista "Veja", de São Paulo, com data de 31 de Agosto.

Segundo Pintasilgo, a ONU, construída há 50 anos tendo por base as nações, não deverá menosprezar o peso actual das sociedades civis, pelo que poderia ter uma estrutura tripartida em que representantes das nações, do que se poderia chamar "o saber" (economistas, cientistas...) e "as organizações múltiplas da sociedade civil" debateriam as grandes questões do plano mundial.

Um dos "problemas básicos" da ONU é, em sua opinião, o da aplicação das resoluções produtivas das conferências que promove:

"Existem declarações, resoluções produtivas a que os Estados aderem, que eles mesmos votam por unanimidade, mas não há aplicação da letra".

Na entrevista, a ex-primeira-ministra portuguesa pronunciou-se ainda sobre o confronto entre o Vaticano e as Nações Unidas relativamente ao aborto e ao controlo da natalidade, considerando que "o verdadeiro conflito reside entre os que buscam o progresso sem modificar o modelo económico mundial e os que analisam o crescimento populacional à luz de alternativas económicas possíveis e viáveis".

Pintasilgo manifestou concordância com a crítica feita pela Igreja Católica ao documento de preparação da Conferência do Cairo por não tratar "suficientemente" das transformações no plano económico e social vinculadas aos temas população e desenvolvimento.

Na capital egípcia, segundo ela, encontrar-se-ão dois mundos: o de "profissionais, que priorizam o aspecto do crescimento por ser um factor sobre o qual o homem pode ter controló", e o que "sustentará que população, desenvolvimento e meio ambiente estão interligados e que se quisermos actuar sobre um desses factores, temos de encarar, primeiro, as questões económicas e sociais".

Em sua opinião, os "representantes dos países" não estão "preparados para equacionar o desenvolvimento como um modo de garantir à população mundial a qualidade de vida a que um ser humano pode aspirar".

